

Desvendando vozes, descobrindo dúvidas: o cenário dos violeiros repentistas em Paulistana - PI

MODALIDADE: PÔSTER

SUBÁREA: Música Popular

Matias Rodrigues da Silva
Instituto Federal do Piauí
rodriguesmatias31@gmail.com

Ana Raquel de Sousa
Instituto Federal do Piauí
anaraquel493828@gmail.com

Thomas Jeferson da Silva Moura
Instituto Federal do Piauí
thomasjefersonstar@gmail.com

Rodolfo Rodrigues
Instituto Federal do Piauí
rodolfo.tecmusica@gmail.com

Resumo. Desvendar as vozes é oportunizar a fala, ouvir e retirar das dúvidas todas as cobertas que inviabilizam a vista, despir as incertezas e descobrir novas inquietações. Neste trabalho procuramos desvendar e descobrir a arte da cantoria repentista na cidade de Paulistana, no estado do Piauí, visando compreender o cenário e como esta arte configurou-se como uma das mais representativas do lugar. Este estudo é parte integrante de um projeto de pesquisa vinculado ao Instituto Federal do Piauí - Campus Paulistana, de título “transmissão musical em diferentes contextos: a música da cultura popular em Paulistana, Piauí”, que tem como objetivo investigar o atual cenário das práticas músico-culturais no município. Nesta primeira fase do estudo, partimos de investigações centradas nos cantadores repentistas, com entrevistas voltadas ao entendimento do cenário artístico na cidade. Os relatos foram importantes para analisarmos, compreendermos e, mais ainda, questionarmos sobre os aspectos políticos e sociais.

Palavras-chave. Cantoria, Repente, Paulistana.

Unraveling Voices, Discovering Doubts: the Scenario of Repentists *Violeiros* in Paulistana - PI

Abstract. Unveiling the voices means providing opportunities for speech, listening and removing all doubts that make vision unfeasible, stripping away uncertainties and discovering new concerns. In this work we seek to unveil and discover the art of repentista singing in the city of Paulistana, in the state of Piauí, aiming to understand the scene and how this art became one of the most representative of the place. This study is an integral part of a research project linked to the Federal Institute of Piauí - Campus Paulistana, entitled “musical transmission in different contexts: popular culture music in Paulistana, Piauí”, which aims to investigate the current scenario of practices musical-cultural activities

in the municipality. In this first phase of the study, we started with investigations focused on repentista singers, with interviews aimed at understanding the artistic scene in the city. The reports were important for us to analyze, understand and, even more so, question political and social aspects.

Keywords. Cantoria, Repente, Paulistana.

Introdução

A música nos permite identificar e distinguir ordens sociais de/em diferentes contextos, seja grupos em pequenas comunidades ou uma nação inteira. Partindo de uma análise mais acurada sobre “música(s)”, especialmente — e, sobretudo — de definições que a restringem, amarram e a rotulam unicamente a um produto do “elemento sonoro”, podemos verificar que a música, para além deste conceito, possui valor, sentido, significado e significância, seja no âmbito particular ou social, permitindo-a ser representada/interpretada/performada de inúmeras maneiras.

Tratando especificamente da música da cantoria de viola — prática musical abordada neste trabalho —, temos uma das formas mais representativas da música da cultura popular. Amplamente difundida no Brasil, principalmente nos estados do Nordeste, a cantoria passou a ser reconhecida no ano de 2021 como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, compondo o Livro de Registro das Formas de Expressão Nacional.

Apesar do estado do Piauí não ser o maior representante da tradição desta prática musical (ou poético-musical), encontramos, ainda assim, muitos artistas que fazem do repente a sua profissão.¹ O município de Paulistana² possui, ao todo, cinco cantadores violeiros, número bastante expressivo se considerarmos a parca visibilidade do estado nos grandes festivais de cantoria, bem como a densidade populacional do município, que conta com pouco mais de 20 mil habitantes. Comparando com outro estudo, realizado por Martins (2021), no município do Sobral - CE, percebemos que em ambas as cidades há a mesma quantidade de cantadores, apesar do município cearense contar com mais de 200 mil habitantes. Esta informação é importante,

¹ A pesquisadora Maria Ivoneide Silva (2006) evidenciou em sua pesquisa de mestrado que a maior concentração de cantadores no Nordeste está nos estados da Paraíba, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte. O Piauí ocupava — naquela etapa do levantamento —, de nove estados, a oitava posição, à frente apenas do estado do Maranhão. Sabemos que este é o perfil de uma análise realizada há quase duas décadas, e que hoje o cenário pode ter elevado o Piauí em algumas posições. No entanto, consideramos ainda pouco provável sua participação entre os quatro primeiros estados desta lista.

² A cidade de Paulistana está distante 472 km da capital Teresina, e é a 51ª cidade mais populosa do estado do Piauí, e a mais populosa da região do Alto Canindé, onde está localizada, de acordo com o censo de 2022, pelo IBGE (IBGE, 2022).

pois nos mostra que apesar de o estado do Ceará possuir a segunda maior incidência de cantadores — de acordo com o estudo realizado por Silva (2006) — o “fator populacional” não implica, necessariamente, na quantidade de artistas repentistas. Presumimos, no entanto, que a construção identitária e cultural do espaço parece confluir com a ressurgência, migração e fixação desses cantadores. Essa perspectiva fica mais evidente quando Martins alega que “dos cinco repentistas entrevistados, apenas um é filho de Sobral, fato interessante e que demonstra a pouca inclinação dos habitantes para a arte da cantoria” (MARTINS, 2021, p. 45).

Etapa metodológica da pesquisa

A inquietação inicial deste trabalho surgiu “despretensiosamente” a partir de conversas sobre as práticas culturais existentes no município de Paulistana durante as aulas de música no Instituto Federal do Piauí³. Após uma discussão sobre os símbolos da cultura popular local, a cantoria de viola e o oboio nas festas de vaquejada foram as lembranças apontadas pela turma. Um dos alunos, inclusive, era filho de cantador, permitindo o aprofundamento da discussão, apresentando informações privilegiadas, como a quantidade de cantadores em atividade no município e um relato genérico sobre o perfil de cada um deles.

Esta conversa foi suficiente para suscitar o desejo de irmos além de uma simples troca de palavras, impulsionando-nos a buscar uma compreensão mais efetiva sobre as práticas desses cantadores em Paulistana. Com o auxílio do pai deste aluno anteriormente citado, localizamos os demais cantadores e os contatamos a fim de realizarmos entrevistas para entender o atual perfil da cantoria no município, buscando desvendar o(s) porquê(s) dela ter sido evocada como um dos símbolos da música popular neste local.

Antes de adentrarmos ao campo, formalizamos um projeto de pesquisa junto ao Instituto, o qual denominamos “Transmissão musical em diferentes contextos: a música da cultura popular em Paulistana - Piauí”, dando início a uma série de investigações que partiu dos cantadores de viola nordestinos. Após finalizado o processo de reconhecimento do projeto, tendo sua aprovação junto ao conselho avaliativo, realizamos as entrevistas, abordando questões relacionadas às suas formações iniciais e sobre o atual cenário artístico.

Todas as entrevistas foram devidamente autorizadas pelas partes participantes e posteriormente transcritas. Com base nas informações prestadas, pudemos, além de registrar a

³ O Instituto está localizado no município de Paulistana, e faz parte da segunda fase de expansão dos Institutos Federais no Piauí, inaugurado em 29 de novembro de 2010.

presença dos artistas cantadores, compreender os primeiros passos da cantoria nesta localidade e como a arte, perpetuada nas vozes dos violeiros aqui apresentados, forjaram e cristalizaram parte da imagem cultural do lugar. No decorrer da apresentação das falas neste texto, optamos por não identificá-los, tratando-os como Cantador 1, Cantador 2, Cantador 3, Cantador 4 e Cantador 5.

Informações gerais sobre cantoria em Paulistana

Ao todo, Paulistana conta com cinco cantadores repentistas, que atuam de forma itinerante tanto no próprio município quanto em cidades vizinhas e em outros estados. Quando questionados sobre o panorama da cantoria na cidade, eles nos apresentaram duas perspectivas, as quais abordaremos nesta seção. Para melhor resumi-las, abriremos com a fala de um deles, pois melhor sintetiza os dois pontos de vistas que foram apresentados:

Eu enxergo ela desvalorizada. Desvalorizada por um lado, mas pelo outro é mais valorizada do que tudo. Ela tem duas versões aqui: *pele povo*, filho natural de Paulistana que gosta de cultura, nós somos muito bem apoiados. Agora, *pele lado político*, é que se chama “os tiradores de proveito”... Como é que tem uma Secretaria de Cultura e você não vê a cultura da cidade? Só tem uma cultura aqui? Não, para mim não. Não existe isso aí. Você tem que apoiar todas, não só a cantoria, não só o futebol, não só o violão. Vale à todas, desde que “originalize”, moralize também. Aí por isso eu digo que a cantoria aqui é assim (Cantador 3).

Pelo Povo

Conforme observado por um dos cantadores, no município de Paulistana a valorização da cantoria parte da classe economicamente menos favorecida, sendo esse o público de principal audiência dos cantadores locais. Vale ressaltar que é por conta desta participatividade popular que os cantadores conseguem desenvolver os seus trabalhos, criando uma relação social com os envolvidos nos eventos:

Eu acho que em Paulistana o pessoal gosta da cantoria. Agora é assim, aqueles que eram para dar mais um ponto, valorizar mais, é que se afastam mais um pouco. A classe humilde, digamos assim, a classe que valoriza, é a classe do mais pobre, então é onde valoriza mais a gente. Então os cantadores vêm trazendo uns para cá, trazendo os outros, e aqueles cantadores gostam daquele povo e aí acaba retornando à cidade (Cantador 2).

O pesquisador Miguel Sautchuk (2009), ao analisar alguns relatos de cantadores em sua tese, apontou para duas classes distintas: “uma que conquistou um público mais sofisticado e diversificado e outra que ficou restrita ao público camponês, nivelando-se a ele no gosto e no

capital cultural” (SAUTCHUK, 2009, p. 130-1). Essa perspectiva é interessante para entendermos o próprio percurso histórico da cantoria. Durante os séculos XIX e XX, com mudanças que começaram a despontar apenas a partir da década de 1980, o repente perpetuou-se como um tipo de música popular das zonas rurais do Nordeste. Inúmeros fatores foram cruciais para este fenômeno: I) o reflexo do estilo de vida da região; II) o analfabetismo e semianalfabetismo, colocando a cantoria como forma de entretenimento e veiculação de notícias; III) e o “prazer especial em cantar para o povo dos sítios por causa do ambiente e da simplicidade” (SAUTCHUK, 2009, p. 130).⁴ Este cenário foi passando por alterações a partir do “êxodo rural”. Como sua emersão é relativamente recente, presume-se haver, ainda, a preservação de uma memória afetiva por parte de migrantes e residentes das zonas rurais, composta, em sua grande maioria, por pessoas com menor poder aquisitivo.

Apesar de reconhecer a participatividade de um determinado público, este mesmo cantor alega que este ainda é muito reduzido, apontando lacunas na solidificação de seus trabalhos: “a cantoria hoje ela vem, aqui, digamos assim, aqui dentro da nossa cidade, sendo pouco divulgada, porque são poucos que valorizam, que vêem o nosso trabalho” (Cantador 2). Complementamos sua fala com o relato de outro cantor, que além de apontar a parca presença de público no município, destaca que este é pouco conhecedor da arte que assiste:

Paulistana tem poucos adeptos da cantoria, pouquíssimos promoventes. Eu acredito que os promoventes de cantoria de paulistana sejam apenas os próprios cantadores. Eles fazem tudo, promovem, divulgam, pedem patrocínios e cantam. O nosso público de cantoria é muito pequeno ainda, temos um povo que ainda não reconhece o valor da cantoria para pagar bem a cantoria (...). O povo de Paulistana não sabe pedir um mote. Só se tiver um poeta na plateia para pedir um mote para sugerir alguma modalidade da cantoria para ser cantado (Cantador 4).

Em ambos os pontos de vista, notamos que a concepção sobre o público local é convergente. Tanto o cantor 2, quanto o cantor 4, apontam para a existência de um público reduzido, descrevendo seu perfil como sendo formado por pessoas menos abastadas e desconhecedoras das estruturas da cantoria. Uma possível ordem para a fixação deste perfil, é levantada por outro repentista entrevistado. Segundo ele:

os próprios cantadores não fizeram um trabalho com que o público deles reconhecesse a cantoria a esse nível, entendeu? Tanto que dificilmente você vê os cantadores daqui cantando aqui. (...). O público de Paulistana não foi acostumado a ver esse tipo de cantoria. E até foi, mas aí acabou (Cantador 1).

⁴ O autor complementa que apesar desta declaração, o contexto rural apresentava algumas desvantagens, como baixo retorno financeiro, apesar das muitas horas de apresentação.

Observamos haver uma espécie de descentralização do público para com a centralização dos cantadores como sendo os principais responsáveis pelo não reconhecimento artístico da cantoria com os nativos. O que seria, na prática, ser “acostumado a ver esse tipo de cantoria”? O que o cantador quis dizer com “e até foi, mas aí acabou”? Estas questões são instigantes, pois ele alega que os próprios artistas não trabalharam para o reconhecimento de sua arte. Para melhor entendermos seu posicionamento, apresentamos um outro momento de sua fala que provavelmente nos ajudará a refletir sobre o assunto:

(...) os próprios cantadores mais velhos fazem questão de não fazer com que o repentista mais novo desenvolva o seu talento, porque o repentista, por si só, é o produtor dele mesmo. Quando eu digo “produtor dele mesmo”, é porque ele, por si só, se promove, se agenda, faz os eventos dele mesmo, ele não tem um produtor, uma pessoa por trás daquilo. Então ele é a própria vitrine dele. E se eu sou um repentista, um artista que não tenho produção, e você também é um repentista que não tem produção, pela lógica da coisa, se eu abrir espaço para você eu vou tirar o meu. Então essa é a maior dificuldade (Cantador 1).

Emerge, diante desta relação mercadológica, um claro conflito entre a geração dos cantadores mais velhos e os cantadores mais novos. É importante destacarmos que os cantadores não possuem duplas fixas, apesar do trabalho ser sempre compartilhado, exigindo a colaboração mútua para a participação em um evento. Essa “teia colaborativa” parte de convites — que podem vir diretamente de um cantador para formação da dupla, ou pelo organizador do evento (neste caso, é comum que os cantadores conheçam seu parceiro apenas no momento da performance) — como também de parcerias “pré-acordadas”, como fruto de retribuição de um convite de outrora.

Infelizmente, as entrevistas não foram suficientes para entendermos os porquês dos cantadores mais velhos impedirem o desenvolvimento dos mais novos (e se isso realmente acontece). Apesar de munidos de hipóteses, optamos por não apresentá-las neste momento, para não precipitar as ideias e/ou descontextualizar as informações (pois, até o momento, uma segunda entrevista não pôde ainda ser realizada). Por sua vez, fica claro que há uma gama significativa de relações que conduzem o campo de permanência dos cantadores, seja no âmbito artístico ou profissional.

Pelo lado político

Expondo a perspectiva musical local, os cantadores, declaradamente, apontaram querelas e descontentamentos com a realidade das políticas de incentivo à cultura. Historicamente, a cantoria sempre se manteve de forma muito independente, firme na

perseverança de seus artistas, que vagavam de um lugar a outro, assegurados pelo público fiel que sempre os assistia. A remuneração quase nunca era acordada previamente com o promovedor do evento, o que criava certa dependência da participação ativa do público, com a oferta de dinheiro em bandejas durante as apresentações.⁵ Este cenário, por sua vez, passou por diversas mudanças. Na década de 1990 já era comum que os cantadores fossem contratados com valores previamente acordados. Em 14 de janeiro de 2010, a cantoria deu um passo importante, tornando-se reconhecida como profissão, com direitos legais e institucionalizados, a partir da lei 12.198, no qual dispunha sobre o exercício da profissão de Repentista.⁶

Por outro lado, essa mudança na relação entre cantadores, promovedores e públicos, fez com que o cantador passasse a ter um forte laço de dependência de convites e participação em eventos organizados por instituições e eventos públicos e privados. É nesse contexto que emerge a crítica dos cantadores para com as ações públicas municipais e que apresentaremos a seguir. O cantador 2 foi bastante objetivo ao dizer que “nós precisamos dos governantes, das pessoas que estão no poder, mais apoio para a cultura, para que a gente se destaque melhor e se sinta mais bem colocado, mais valorizado” (Entrevista com Cantador 2).

A “valorização” por parte dos órgãos municipais que o cantador cita, diz respeito à falta de eventos que os congreguem, como festival(is) de repente ou, simplesmente, um convite para participação nos eventos locais de grande porte, como na ExpoFest⁷ ou nas comemorações que aludem ao aniversário do município.⁸

Declarando a ausência de incentivo político e a importância desta participação para suas manutenções profissionais e artísticas, o cantador 5 disse que, apesar de todas as necessidades visíveis, os cantadores não podem ficar aguardando qualquer iniciativa das secretarias locais ou de qualquer outro órgão público. Segundo ele, é necessário que os repentistas façam seus próprios projetos e busquem seus próprios patrocínios. Sua fala não

⁵ A bandeja não é apenas um objeto simbólico de decoração, mas possui uma função clara e objetiva: servir de recipiente para coleta de dinheiro que vêm dos ouvintes. Para estimular a doação/pagamento, os cantadores elogiam os participantes individualmente, estendendo o verso ao pedido da oferta. Ainda hoje a bandeja é empregada, mas em menor frequência. Quando ocorre, é para complementar o cachê já pré-estabelecido.

⁶ O Art. 1º dispõe que “fica reconhecida a atividade de Repentista como profissão artística.”. Já no Art. 3º, está especificado na primeira linha os “cantadores e violeiros improvisadores” como profissionais reconhecidos como repentistas (BRASIL, 2010).

⁷ Feira de Exposição Agropecuária. Neste evento ocorrem diversas atividades agropecuárias, culturais e músico-cultural.

⁸ As festas em comemoração ao aniversário do município ocorrem no dia 15 de dezembro.

ecoou o tom do lamento sertanejo, mas o brado da necessidade de autogestão dos próprios cantadores:

Numa Secretaria de Cultura dentro de Paulistana é [preciso] os cantadores se unirem e correr atrás de projetos, alguma coisa para ajudar mais na cantoria paulistanense. Se projetar não só com o governo, não só com o prefeito, se projetar... fazer um projeto... se não está dando para buscá-la na prefeitura, pois para buscar lá no congresso ou por outros meios... buscar um patrocínio bom, com as pessoas, com os comerciantes bons... fazer alguma coisa para reacender o nosso patamar da cantoria (Cantador 5).

A noção de mercado perpassa por uma atitude direta do cantador: ele enquanto agente dependente unicamente de si. Apesar da considerável importância da participação e apoio dos órgãos públicos, há a consciência da existência de outras maneiras de subsistência, como, por exemplo, o alcance de patrocínios por meio de iniciativas privadas. Reflete, portanto, que os setores políticos responsáveis pela cultura local não atendem satisfatoriamente a demanda dos cantadores, apesar da cantoria ser lembrada como um dos símbolos da arte cultural do município.

A cantoria “do ontem” em Paulistana

“Na década de oitenta tinha uns cantadores aqui muito bons e faziam cantorias muito boas, mas aí depois que eles foram embora para outras regiões... os que ficaram não continuaram esse tipo de trabalho” (Cantador 1). A fala deste repentista nos mostra que à década de oitenta, tinha, na cidade, cantadores muito talentosos que se destacavam e que realizavam cantorias de alta qualidade. No entanto, o cenário mudou quando esses cantadores deixaram a região e migraram para outras áreas. Essa migração pode ter ocorrido por diversas razões: novas oportunidades, desafios tecnológicos, necessidade de novos trabalhos ou mesmo questões pessoais, sugerindo uma possível perda na força e na vitalidade após as suas saídas.

Assim como o cantador 1, o cantador 2 também cita a passagem de outros cantadores por Paulistana, provavelmente os mesmos citados anteriormente: “assim, na época que fundou a Rádio Ingazeira aqui de Paulistana, aí apareceu uns poetas de fora, hoje eles moram fora, se eu não me engano estão em Roraima, conhecido por Nery Ricardo, Antônio Ricardo e Edvan Ricardo” (Cantador 2).⁹ É válido apontar a importância que estes cantadores tiveram na história do município, já que foram lembrados pelos cantadores contemporâneos.

⁹ A Rádio Ingazeira passou a transmitir oficialmente a partir do Decreto nº 90.668, de 11 de dezembro de 1984, onde foi outorgado a “concessão à Rádio INGAZEIRA DE PAULISTANA LTDA., para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média, na cidade de Paulistana, Estado do Piauí” (BRASIL, 1984).

O cantador 5 também faz menção ao passado da cantoria na história de Paulistana: “Em paulistana, no passado, ela foi muito procurada, mas, ultimamente, como em todas as regiões, ela tem caído um pouco. Muito, não é pouco não. Estou dizendo pouco, mas caiu muito. Eu canto, mas em outros municípios” (Cantador 5). A fala do cantador traça um claro paralelo entre o cenário da cantoria contemporânea e como ela era reconhecida em décadas anteriores. Aponta ainda que, devido a essa diminuição de oportunidades na cidade, apresentar-se em outros municípios é uma forma de continuar em atividade. Podemos notar que a cantoria de outrora persiste na memória dos paulistanenses, junto ao enfrentamento de desafios que, de alguma maneira, levaram à diminuição de sua popularidade.

Considerações finais

Neste trabalho entrevistamos cinco cantadores do município de Paulistana, no estado do Piauí. A propositura foi entender o perfil da cantoria local e como os artistas (re)interpretam sua importância na configuração cultural da cidade. Apesar de alguns dos entrevistados possuírem outras atividades profissionais, é comum a todos a atuação profissional como repentista, ponto bastante importante para a qualidade das informações que apuramos.

De modo geral, pudemos perceber a consciência da necessidade de uma autogerência dos próprios cantadores para com suas atividades profissionais. Paulistana conta com um público formado majoritariamente por pessoas de baixo poder aquisitivo e que, apesar de não ser tão numeroso, demonstra-se participativo. Além disso, há uma revelada carência por parte das iniciativas públicas de incentivo à arte dos cantadores, despontando um cenário que parece desestimar os futuros profissionais, como dito em um trecho de uma das entrevistas:

Sempre digo aos cantadores jovens que estão começando a cantar que eu encontro por aí: “tenha a cantoria na sua vida como um plano B, como eu fiz, porque é uma coisa incerta, entende? Ou você vira uma estrela da cantoria nordestina para você estar nos palcos maiores do Brasil ou você vai passar necessidade, entende?” (Cantador 1).

Esta é uma análise preliminar da primeira etapa de entrevistas do projeto de pesquisa. Os levantamentos estão ainda em andamento e serão aprofundados no decorrer dos estudos. Todavia, as informações levantadas junto aos cantadores, nos permitiram perceber que há uma clara concepção sobre a tímida participação do público local e a quase inexistente colaboração por parte dos órgãos públicos municipais. Os cantadores, assim, permanecem ainda como

artistas independentes que reverberam, sobretudo na população mais humilde, a graça da arte da poesia popular.

Referências

BRASIL. *Lei Nº 12.198, de 14 de janeiro de 2010*: dispõe sobre o exercício da profissão de Repentista. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112198.htm. Acesso em: 30 jul. 2023.

BRASIL. *Decreto nº 90.668, de 11 de Dezembro de 1984*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-90668-11-dezembro-1984-440660-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 03 ago. 2023.

CANTADOR 1. *Entrevista a Matias Rodrigues da Silva, Ana Raquel de Sousa, Thomas Jeferson da Silva Moura, Rodolfo Rodrigues*. Paulistana - PI, 06 mai. 2023. Formato de áudio. Duração 00:45:52.

CANTADOR 2. *Entrevista a Matias Rodrigues da Silva, Ana Raquel de Sousa, Thomas Jeferson da Silva Moura, Rodolfo Rodrigues*. Paulistana – PI, 10 mai. 2023. Formato de áudio. Duração 00:28:43.

CANTADOR 3. *Entrevista a Matias Rodrigues da Silva, Ana Raquel de Sousa, Thomas Jeferson da Silva Moura, Rodolfo Rodrigues*. Paulistana – PI, 16 mai. 2023. Formato de áudio. Duração 00:44:47.

CANTADOR 4. *Entrevista a Matias Rodrigues da Silva, Ana Raquel de Sousa, Thomas Jeferson da Silva Moura, Rodolfo Rodrigues*. Paulistana – PI, 27 mai. 2023. Formato de áudio. Duração 00:33:40.

CANTADOR 5. *Entrevista a Matias Rodrigues da Silva, Ana Raquel de Sousa, Thomas Jeferson da Silva Moura, Rodolfo Rodrigues*. Paulistana – PI, 30 mai. 2023. Formato de áudio. Duração 00:16:29.

MARTINS, José Almir de Carvalho. *A cantoria na cidade de Sobral: uma análise sobre os repentistas locais*. Sobral, 2021. 95 f. Monografia (Graduação em Música). Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2021.

SAUTCHUK, João Miguel Manzollillo. *A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino*. Brasília, 2009. 222 f. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SILVA, Maria Ivoneide. *Cantoria de viola nordestina: Narrativas sobre a vida e a performance dos repentistas*. Salvador, 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.